

Resumos documentários : uma proposta metodológica

Nair Yuñiko Kobashi

Proposta de elaboração de resumos documentários fundada em teorias sobre o processamento cognitivo de textos e na Linguística Textual. O presente trabalho tem dupla pretensão: a) refletir sobre a natureza da condensação de textos e sua representação; b) sistematizar um conjunto de princípios e de procedimentos de elaboração de resumos que possa ser utilizado por documentalistas, editores e demais profissionais da informação que atuam nas várias esferas das atividades relacionadas ao tratamento e transferência de informações.

Palavras-chave: Resumos documentários. Condensação de textos. Análise documentária.

1 INTRODUÇÃO

A elaboração de resumos está presente de forma generalizada em inúmeros campos das atividades humanas relacionadas ao tratamento e transferência de informações, como na documentação, no jornalismo, na editoração e, inclusive, na esfera do ensino e da formação. No entanto, os processos a ela relacionados são ainda pouco conhecidos, em face da dificuldade de criar modelos aptos a dar conta, simultaneamente, dos aspectos lingüísticos, cognitivos, formais, lógicos e pragmáticos do ato de condensar informação textual.

De um modo geral, concebe-se a elaboração de resumos como uma operação que consiste em tratar textos: seleciona-se dos mesmos as informações consideradas essenciais, tendo em vista a produção de um novo texto condensado, para um interlocutor determinado. Trata-se, portanto, de um ato cognitivo com finalidades comunicativas que supõe:

- a) compreender e selecionar conteúdos informacionais de natureza textual;
- b) escolher formas de expressão específicas para representá-los.

A seleção de informações é, nesse sentido, uma das operações centrais dos processos que visam a obter representações condensadas. Seu fundamento repousa na distinção entre **informação essencial** e **informação acessória** do texto de partida. Não se trata, portanto, de excluir mecanicamente certas partes do texto, mantendo

outros. A seleção pressupõe a atribuição de valor ao conjunto de informações do texto, respeitando-se a hierarquia estabelecida pelo próprio autor (Flottum, 1991). Assim, o resumo é um produto que mantém com o texto uma relação de similaridade, por ser obtido simultaneamente pela supressão da redundância e manutenção da densidade informacional do texto (Le Roux, 1990).

A idéia de seleção, com base na hierarquização, é igualmente proposta por Fayol que caracteriza o resumo como um “caso particular de paráfrase seletiva que consiste em:

- 1) extrair de um texto informações julgadas essenciais;
- 2) (re)formular essas informações de modo a chegar a um novo texto coerente e coesivo” (Fayol, 1991, p.163).

Observa-se aqui que, no ato de resumir, a noção de texto é fundamental. Deve-se reconhecer, contudo, que as diversas normas e diretrizes (ISO 214; ISO 5966; INIS (1971) e ABNT (1980), entre outras), não contemplam tal noção de modo suficiente. A característica mais marcante das referidas regras é o fato de abordarem os mecanismos de combinação de informações: tamanho do resumo, número de palavras, estilo de redação, tipos de resumos (Indicativo ou Informativo) sem, no entanto, explicitar os mecanismos de seleção de dados.

Sob esse ângulo, pode-se afirmar que a heterogeneidade dos resumos documentários utilizados nos sistemas informacionais reflete a precariedade dos padrões utilizados em sua elaboração. Em tais sistemas, os resumos raramente apresentam as propriedades necessárias para operarem de forma efetiva e útil na circulação de informações. Pode-se afirmar que os resumos elaborados com base nas regras tradicionais são “o produto de um impulso, não de uma intenção” (Barthes, 1971, p. 20).

As questões que serão apresentadas a seguir pretendem contribuir para a melhor compreensão e operacionalização dos processos relacionados à condensação de informações textuais. Primeiramente, serão tratados aspectos conceituais relativos ao texto e, em seguida, será apresentada uma proposta metodológica de elaboração de resumos documentários que contempla a análise de textos, a coleta de dados, sua organização e sua combinação.

2 AS NOÇÕES DE TEXTO, SUPERESTRUTURA E TIPOLOGIA DE TEXTOS

O texto, em sentido amplo, designa uma unidade de comunicação organizada sintagmaticamente e dotada de coesão e coerência. Há diversas tentativas de classificar os textos dentro de tipologias: pela estrutura interna (descritivo, narrativo,

dissertativo) ou pela finalidade a que se propõem (texto técnico, científico, didático, jornalístico, jurídico, político, etc.).

Os primeiros estudos sistemáticos sobre os “gêneros” textuais e as “partes do discurso”, são atribuídos a Aristóteles. Suas idéias, apresentadas no âmbito da Retórica, fundamentam, ainda hoje, as modernas teorias sobre a persuasão (Citelli, 1989; Okasabe, 1979).

A Retórica, para Aristóteles, não se reduz a um conjunto de normas ou à oratória, mas ao esforço de “descobrir especulativamente em qualquer dado, o persuasivo” (Aristóteles, apud Okasabe, 1979, p. 142). E acrescenta: “Não há senão duas partes no discurso, pois é necessário dizer qual é o tema e demonstrá-lo... Dessas duas partes, uma é a proposição; a outra, a confirmação. Como se tratasse de um lado, do problema e, do outro, da demonstração” (Aristóteles, apud Okasabe, 1979, p.156).

Os textos elaborados no âmbito das atividades científicas não escapam a essa caracterização geral. Contudo, a esse esquema genérico - problema/demonstração - pode-se agregar outros constituintes, que determinam a existência de diferentes tipos de textos. Serão analisados aqui apenas 3 variantes de textos argumentativos, a partir de sua estrutura: o texto canônico das ciências experimentais, o texto dissertativo e o texto expositivo.

2.1 O texto canônico das ciências experimentais

São textos de natureza argumentativa, elaborados com o intuito de expor metodicamente os resultados da observação de um fenômeno. Para Gardin, “a expressão concreta de um raciocínio científico é o texto científico, no qual o autor expõe as operações do espírito que o conduziram da observação de certos fatos empíricos ao enunciado de proposições denominadas de forma diversa: teses, hipóteses, interpretações, comentários, conclusões, explicações, etc...” (Gardin, 1987, p. 4). É no interior da atividade de conhecer, portanto, que se define o texto científico: uma unidade de comunicação do saber, dotado de certos elementos estruturais - ou superestruturais, na terminologia de Van Dijk e Kintsch (1983): o Tema, o Problema, a Hipótese, a Metodologia, os Resultados e a Conclusão (Asti-Vera, 1979, Bunge, 1973).

O **Tema** pode ser caracterizado como o assunto que se deseja desenvolver, enquanto o **Problema**, segundo Asti Vera, “é uma dificuldade, ainda sem solução, que é mister determinar com precisão, para intentar, em seguida, seu exame, avaliação crítica e solução (Asti Vera, 1979, p. 97). O **Tema** é algo mais abrangente, enquanto a formulação do **Problema** diz respeito à dificuldade específica que se pretende enfrentar cientificamente. A formulação do **problema**, portanto, deve ser feita de forma explícita, de modo a delimitar inequivocamente a **indagação** para a qual se pretende oferecer alguma resposta.

A **Hipótese** é um enunciado geral de relações entre fatos, formulado como solução provisória para um determinado problema. A hipótese apresenta caráter explicativo ou preditivo, devendo ser compatível com o conhecimento científico e passível de ser verificado. A hipótese é, desse modo, uma **conjetura**, uma proposição que se antecipa à comprovação.

A **Metodologia**, compreende dois aspectos indissociáveis: o primeiro, de natureza lógica, diz respeito aos procedimentos e operações que possibilitam a observação racional e controlada dos fatos, de modo a permitir a interpretação e a explicação adequada dos fenômenos observados. A metodologia é, desse modo, um conjunto de princípios e de operações que fundamenta a coleta de dados, sua análise e interpretação. O segundo aspecto, de natureza técnica, diz respeito ao instrumental metodológico e ao arsenal técnico que indica a melhor maneira de se operar em cada caso. Relaciona-se, portanto, aos processos de manipulação (medidas, cálculos) dos fenômenos que se pretende estudar (Lakatos, 1982).

A categoria **Resultados** é a **síntese** e a **interpretação** dos fatos observados que determinam a aceitação ou rejeição das hipóteses formuladas. É na **Conclusão**, caracterizável como um **comentário final**, que se discute as possibilidades de aplicação e de utilização dos resultados, isto é, a incorporação ou não destes últimos a um sistema teórico. Apresentaremos, a seguir, a organização básica do tipo de texto em discussão, que passaremos a designar de Tipo 1. A primeira coluna do quadro relaciona as categorias textuais e, a segunda, descreve a natureza de cada uma delas. Esse mesmo formato será utilizado para esquematizar os demais tipos de textos aqui considerados.

TEXTO TIPO 1

Problema	Indagação
Hipótese	Conjetura
Metodologia	Observação
Resultado	Interpretação
Conclusão	Comentário final

2.2 O texto dissertativo

O texto argumentativo ou dissertativo é também uma forma recorrentemente utilizada no âmbito da atividade científica. Já definido por Aristóteles como sendo aquele que tem duas partes, uma "tese" e a "comprovação da tese", o texto dissertativo apresenta os seguintes constituintes básicos: tese, argumentos, conclusão (Cintra, 1987, p. 31). A Tese caracteriza-se como a apresentação de um ponto de vista; os Argumentos,

são as provas que qualificam positivamente o ponto de vista do autor e, simultaneamente, desqualificam um ponto de vista contrário; a **Conclusão**, por fim, confirma o ponto de vista inicialmente apresentado. O quadro apresentado, a seguir, sintetiza a superestrutura do texto dissertativo, designado neste trabalho por Tipo 2:

TEXTO TIPO 2

Tese	Ponto de vista
Argumentos	Provas
Conclusão	Confirmação

2.3 O texto expositivo

O trabalho pioneiro sobre o texto expositivo, segundo Ducrot e Todorov (1972, p. 36), é de autoria de Becker. Segundo o referido autor, o texto expositivo apresenta as categorias Problema-Solução como seus constituintes básicos. Erlich e Tardieu (1991, p. 185-186) citam, por sua vez, o estudo de Meyer, de 1985, que também denomina de expositivos os textos com a estrutura Problema-Solução. Para nossos objetivos, o texto expositivo (denominado de Tipo 3, neste trabalho), poderá ser melhor descrito como uma estrutura constituída de três categorias: a) apresentação do **problema**; b) **causas e consequências do problema** e c) **solução** do problema. Em esquema:

TEXTO TIPO 3

Problema	Questão
Causas	Razões
Solução	Resposta

Apresentados os tipos de textos, passaremos a operar com os mesmos. Antes, porém, serão feitas algumas observações suplementares. O **problema** e a **hipótese**, categorias típicas do texto do Tipo 1, são normalmente formulados com base em uma teoria. Esta última opera como um sistema de conceptualização e de classificação dos fatos que justificam o problema e a hipótese. Desse modo, fatos e relações já conhecidos autorizam a apresentação de novos fatos ou de novas relações entre os fatos. A teoria opera como um quadro que contextualiza e justifica a pesquisa que se quer empreender (Bunge, 1973). A categoria **Tese**, do texto de Tipo 2, e a categoria **Problema**, do texto de Tipo 3, são formulados de modo análogo às categorias **Problema** e **Hipótese** do texto do Tipo 1.

Outros paralelismos podem ser observados, os quais se explicam, basicamente, pela existência de equivalências funcionais entre as categorias constitutivas dos textos analisados. Desse modo:

a) as categorias /Problema e Hipótese/Tese/Problema/ cumprem funções análogas: a de apresentar e delimitar a questão a ser discutida no texto;

b) as categorias /Metodologia e Resultados/ Argumentos/ Causas/ cumprem a função de apresentar dados que possam comprovar ou refutar a Hipótese, a Tese, ou a natureza do Problema. Em síntese, as proposições identificadas no interior dessas categorias têm a função genérica de “argumentos” que sustentam um ponto de vista. As categorias Conclusão/Conclusão/Solução/ dispensam discussão, por serem evidentes por si mesmas.

Os paralelismos, acima apresentados, podem ser esquematizados do seguinte modo:

Quadro de equivalências entre categoriais

Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3
Tema	Tema	Tema
Problema Hipótese	Tese	Problema
Metodologia Resultados	Argumento	Causas
Conclusão	Conclusão	Solução

3 METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO DE RESUMOS

A elaboração de resumos, como já foi dito anteriormente, supõe a compreensão de textos e a seleção de informações com base na hierarquização. No modelo de Van Dijk e Kintsch (1983), a superestrutura é um elemento fundamental para a compreensão dos textos porque: a) ele tem caráter convencional, sendo conhecido e reconhecido por uma comunidade linguística; b) a superestrutura configura-se como um esquema abstrato que estabelece a ordem global de um texto e se compõe de uma série de categorias, cujas possibilidades de combinação se baseiam em regras convencionais. O domínio das superestruturas permite um processamento *top-down* potente, porque a leitura faz-se a partir de hipóteses e não pela construção do sentido através de processamento *bottom-up* (Van Dijk, 1992).

Alguns estudos já demonstraram que os bons leitores reconhecem as superestruturas textuais e tiram proveito das mesmas para compreender textos. Tais estudos demonstraram, também, que se pode ensinar os indivíduos a identificar e utilizar com sucesso as superestruturas (Meyer, *apud* Erlich e Tardieu, 1991, p.186).

Os procedimentos de elaboração de resumos propostos a seguir, estão fincados no princípio elementar de que a seleção de dados deve ser antecedida pela compreensão do texto e identificação e hierarquização de informações textuais, segundo o produto documentário a ser obtido: resumos informativos e resumos indicativos, em nosso caso.

A primeira operação a ser realizada consiste em ler o texto para identificar seu tema, categoria responsável pela condensação semântica do texto ao seu nível hierárquico mais geral. Sem a determinação do tema, a compreensão do texto fica prejudicada. A operação seguinte, a identificação da informação, deverá ser realizada a partir do reconhecimento da superestrutura textual. As categorias da superestrutura permitem discriminar as informações segundo a sua função no texto que podem, desse modo, ser hierarquizadas. O terceiro passo consiste em selecionar as informações consideradas pertinentes para o tipo de produto que se quer elaborar.

No caso do **resumo informativo**, a leitura procurará contemplar todas as categorias da superestrutura e condensá-las; já no caso do **resumo indicativo**, o analista deverá deter-se de modo específico nos segmentos textuais pertinentes a esse tipo de representação documentária, conforme esquema abaixo. A primeira coluna da esquerda refere-se à superestrutura textual e, as demais, aos tipos de informações documentárias. A produção de cada uma delas faz-se com base na seleção e combinação de categorias específicas da superestrutura. As zonas sombreadas indicam as categorias a serem privilegiadas em cada caso.

Texto Tipo 1	Resumo Informativo	Resumo Indicativo
Tema		
Problema		
Hipóteses		
Metodologia		
Resultados		
Conclusão		

Texto Tipo 2	Resumo Informativo	Resumo Indicativo
Tema		
Tese		
Argumentos		
Conclusão		

Texto Tipo 3	Resumo Informativo	Resumo Indicativo
Tema		
Problema		
Causas		
Solução		

A proposta aqui apresentada retoma os conceitos de texto, processamento de texto e de superestrutura textual desenvolvidos no âmbito das Ciências da Linguagem e da Psicolinguística, tornando-os operatórios para as finalidades da elaboração de resumos. As apropriações e reduções a que foram submetidos os conceitos poderão parecer abusivas para as áreas que os forneceram. É o risco inerente aos mecanismos de operacionalização de noções e de modelos.

A metodologia parte da hipótese de que o texto, por ser uma unidade de sentido logicamente estruturada e com redundância informacional, pode ser condensado sem que se descaracterize sua informação central. No entanto, a condensação pertinente requer procedimentos de coleta de dados subsidiados por mecanismos de **identificação da informação** e sua **integração em blocos**, categorizáveis segundo suas **funções** no texto.

Consideramos apenas três tipos de textos neste trabalho. Outras variantes - como os descritivos e narrativos - não foram aqui analisadas. Considerando-se que as formas de exposição do conhecimento tendem a seguir padrões estabelecidos pela prática social, sugere-se que cada área procure identificar as superestruturas textuais dominantes como uma das formas de aprimorar a elaboração de representações documentárias. A tipologização de textos não é, contudo, uma tarefa propriamente documentária. Cabe à Análise documentária apropriar-se das classificações propostas pela Linguística do Texto e torná-las operatórias para os objetivos documentários.

Para finalizar, espera-se que a metodologia possa trazer proveito:

para os sistemas documentários - pela possibilidade de controlar e avaliar os processos de fabricação de informações documentárias, o que confere maior consistência aos seus produtos;

para os profissionais da informação (que lidam com a organização e representação de informações) - dada a possibilidade de explorar o texto de forma metódica, concentrando-se nos segmentos que possam de fato conter as informações centrais a serem retidas nos resumos;

para o usuário - que poderá ter acesso a informações com maior grau de confiabilidade, dada a pertinência das representações documentárias obtidas;

para o sistema de ensino - por possibilitar o aprimoramento das estratégias de ensino de análise documentária, já que são apresentados os aspectos teóricos e metodológicos das operações de condensação e de representação documentárias.

Esta proposta vem sendo submetida a testes sucessivos no âmbito da formação de profissionais da informação, como disciplina específica ou como módulo de disciplinas de metodologia do trabalho científico. Os resultados obtidos têm sido bastante

satisfatórios. É necessário registrar, no entanto, que hipóteses de trabalho, quaisquer que sejam, devem ser sistematicamente avaliadas. Este ponto de vista contrapõe-se à visão dogmática que atribui neutralidade e perenidade às regras documentárias. O fazer documentário, por ser realizado sob restrições pragmáticas, requer contínua avaliação. O aprimoramento desse fazer depende da substituição dos procedimentos que mostram ser obsoletos ou pouco rigorosos por outros construídos com base na teoria e na experimentação.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6028*. Resumos: procedimentos. Rio de Janeiro : ABNT, 1980.
- 2 ASTI-VERA, A. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre : Globo, 1979.
- 3 BARTHES, R. *O grau zero da escritura*. São Paulo : Cultrix, 1971.
- 4 BUNGE, M. *La investigación científica*. Barcelona : Ariel, 1973.
- 5 CINTRA. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, J. (coord). *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília : IBICT, 1987. p. 28-35.
- 6 CITELLI, Adilson O. *Linguagem e persuasão*. São Paulo : Atica, 1989.
- 7 DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris : Seuil, 1972.
- 8 ERLICH, M.F., CHARLES, A. TARDIEU, H. La superstructure des textes expositifs est-elle prise en charge lors de la sélection des informations importantes? in: CHAROLLES, M., PETITJEAN, A. *Le résumé de texte: aspects linguistiques, sémiotiques, psycholinguistiques et automatiques*. Paris : Klincksieck, 1991. p. 183-202.
- 9 GARDIN. *La logique du plausible: essais d'épistémologie pratique*. Paris : Maison des Sciences de l'Homme, 1987.
- 10 INIS. *Instructions for submitting abstracts (AIEA-INIS-4)*. Viena : IAEA, 1971.
- 11 ISO 214. *Documentation: Abstracts for Publication and Documentation*. Geneve : ISO, 1976.
- 12 ISO 5966. *Documentation: Abstracts for Publication and Documentation*. Geneve : ISO, 1982.
- 13 KOBASHI, N.Y. Análise documentária e tipologias discursivas. In: CUNHA, I.M.F. (org). *Análise documentária: considerações teóricas e experimentações*. São Paulo : FEBAB, 1989. p. 31-44.
- 14 KOBASHI, N.Y. *A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia*. São Paulo : ECA-USP, 1994. Tese.
- 15 LAKATOS, E.M. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo : Atlas, 1982.
- 16 MOREIRO GONZÁLES, J.A. *Aplicación de las ciencias del texto al resumem documental*. Madrid : Universidad Carlos III, 1993.

- 17 OKASABE, H. *Argumentação e discurso político*. São Paulo : Kairós, 1979.
- 18 PINTO MOLINA, M. Documentary abstracting: toward a methodological model. *Journal of the American Society of Information Science*, v. 48, n. 3, p. 225-234, 1995.
- 19 VAN DIJK, T. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo : Contexto, 1992.
- 20 VAN DIJK, T; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. Orlando : Academic Press, 1983.

METHODOLOGICAL APPROACH TO DOCUMENTARY ABSTRACTING

A Documentary abstracting methodological model is proposed. Based on discourse comprehension theories and Textual Linguistics this paper attempts to: a) discuss the nature of text summarizing processes; b) present abstracting strategies that may be used by abstractors, publishers and other information professionals.

Key words: Documentary abstracts. Text summarizing. Documentary analysis.

Nair Yumiko Kobashi

Professora do Departamento de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Universidade de São Paulo- Escola de Comunicações e Artes - ECA
Cidade Universitária
05508 São Paulo, SP
